

VARIAÇÃO FONOLÓGICA DO TERMO “MÃE” EM LIBRAS

PHONOLOGICAL VARIATION OF THE TERM “MOTHER” IN LIBRAS

Benício Bruno da Silva¹Nilce Maria da Silva²**Recebimento do Texto:** 12/12/2022**Data de Aceite:** 10/01/2023

RESUMO: Vários pesquisadores e autores sobre Língua de Sinais e sobre a Libras em relação aos aspectos de variação linguística têm mostrado que também estas línguas apresentam uma riqueza de termos que sofrem variação. Estudos desenvolvidos por Brito (1995), Quadros e Silva (2017) e Xavier (2019) registram a variação nos termos da Libras pelas comunidades surdas locais. Neste artigo, tenho como objetivo desenvolver um estudo sobre o termo mãe em Libras, a partir de dados de uso deste termo em diferentes regiões do Brasil. Como metodologia deste trabalho, os dados dos sinais do termo Mãe foram coletados em livros didáticos, em dicionários impressos, no Corpus de libras da ufsc, no dicionário online “acessibilidade” do INES, Libras signbank e artigos. A análise de dados de termo mãe será conforme a escolha das variantes nas diferentes regiões do Brasil. Os resultados demonstraram que os sinais de termos variantes na Libras apresentam uma certa regionalização.

PALAVRAS-CHAVES: Variação linguística. Termo de mãe. Libras. Registro de sinais.

ABSTRACT: Multiple researchers and authors on Sign Language and on Libras in relation to the aspects of linguistic variation have shown that these languages also have a wealth of terms that undergo variation. Studies developed by Brito (1995), Quadros e Silva (2017) and Xavier (2019) register variation in terms of Libras by local deaf communities. In this article, the goal is to develop a study on the term Mother in Libras, based on data from the use of this term in different regions of Brazil. As a methodology of this work, the data of signs of the Mother were collected from textbooks, printed dictionaries, the Corpus of Libras of UFSC, the online dictionary “acessibilidade” of INES, Libras signbank and articles. The data analysis of the term Mother will be according to the choice of variants in the different regions of Brazil. The results showed that the signs of variant terms in Libras present a certain regionalization.

KEYMORDS: Liguistic variation. Term mother. Libras. Sign registration

1 Mestrando do Programa Pós-Graduação em Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília – (PPGL/UnB) e Professor de Universidade Federal de Alfenas-Unifal

2 Professora da Faculdade de Educação e Linguagem e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletas) da Universidade Estado de Mato Grosso – UNEMAT em Cáceres.

Introdução

Conforme dados do IBGE (2010), existe no Brasil quase total 9,7 milhões de pessoas que se declararam deficientes auditivos ou Surdos. Deste total, não são todos que usam a Língua Brasileira de Sinais (Libras), pois tem muita variação e depende do nível de grau surdez (leve, moderado e profundo), da convivência para aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras), participar da comunidade surda como associações, ter contato com outros Surdos, igrejas, escolas, rurais originar-se de famílias de Surdos, etc.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida e passou a ser mais respeitada após aprovação da Lei de Libras, a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, “reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da Língua Brasileira de Sinais – Libras e descreve a Libras como “uma forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p.23). Esta lei foi regulamentada pelo Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que aponta diretrizes de como o Estado deveria fazer para fazer funcionar a referida lei.

No Brasil, o registro da história de Surdo e da língua de sinais iniciou-se com o professor francês Surdo Eduard Huet que chegou ao Rio de Janeiro, como proposta de Dom Pedro II, em 1857, para fundar o Instituto Nacional de Educação de Surdo. Campello (2011), no texto Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira, registra “a viagem” da LSF até o Brasil e nos conta que

Essa viagem tem a sua cronologia histórica, quando, em 1855, o Ministro de Instrução Pública, Drouyn de Louys e o embaixador da França, Monsieur Saint George, junto com a corte do Rio de Janeiro apresentou o Conde e Professor surdo, D. E. Huet, ex-diretor do Instituto de Bourges, ao ex-Imperador Dom Pedro II, e o mesmo, concedeu todas as honrarias, inclusive com o salário e hospedagem, e incentivou a criação de um educandário destinado ao ensino de surdos-mudos seria mais uma política pública com uma tendência mundial a criação de escolas de ensino e também de residenciais para abrigar “deficientes”. Há a hipótese de que

a princesa Isabel, filha do D. Pedro II, teria um filho surdo e também que o marido dela, o Conde d'Eu era “portador de deficiência auditiva”. Mesmo com ou sem comprovação histórica, é difícil transpor a história da criação e do interesse de Dom Pedro II em abrir a escola de surdos. (CAMPELLO, 2011, p. 39).

De acordo com Campello, a língua de sinais apresenta uma influência da Língua de Sinais Francesa (LSF). A primeira referência de língua de sinais, no Brasil, data de 1875, *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, com sinais desenhado pelo ex-aluno Flausino José da Costa Gama, baseado nos sinais do Dicionário de língua de sinais francesa. Este livro mostra o movimento da tradução para o Brasil e revela a influência na Língua de Sinais no Brasil, como o primeiro registro documentado de 382 sinais.

Flausino José da Gama era aluno do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos (hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos - ou INES) quando, inspirado no livro do surdo francês Pellisier na biblioteca do INES, publicou em 1873, o livro *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de que há somente uma edição original na Biblioteca Nacional e cópia em microfimes disponíveis na biblioteca do INES. (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2004, p. 14).

Começou a história a Língua de Sinais aqui no Brasil, sob forte influência da LSF. A história da Libras se assemelha a colonização do Brasil, pois também a Libras foi fortemente influenciada pela “língua do colonizador, instrumentalizada, possuidora de uma tradição escrita ocidental latina – a divisão saber/conhecer, conhecer/legitimar...” (MORELO, 2001, p. 22).

A língua de sinais, como uma das modalidades gesto-visual, conta com os empréstimos de sinais brasileiros, regionais (documentados e não documentados) e linguísticos em diferentes níveis, tais como: léxico, variações regionais e sinais convencionais. E, com isso, envolve também a cultura e a identidade surda, assim como a sociedade ou comunidade surda que, historicamente, foi construída e estabelecida em um grupo ou um “povo Surdo” (Campello, 2011, p.12).

Há poucos registros escritos línguas de sinais ao longo da história e algumas épocas não tem têm registro nenhum. Os Surdos do Brasil estudavam

no INES que depois voltavam para suas cidades e que influenciavam os sinais na região para comunidade surda, o que fortaleceu a Língua de Sinais e garantia comunicação entre e com os Surdos. A história dos Surdos foi marcada também pelo que aconteceu no Congresso de Milão, em 1880, pois neste evento foi proibida a língua de sinais e favorável a oralização. Esta proibição durou cerca de 100, pois somente na década de 1980, que iniciou o uso da comunicação total na educação dos surdos, no Brasil.

Stokoe (1960), importante estudioso da língua de sinais dos Estados Unidos, propôs inicialmente três parâmetros referentes à estrutura das línguas de sinais americana no nível da fonologia das línguas: configuração de mão, movimento e ponto de articulação. O objetivo maior do estudo de Stokoe foi marcar o desenvolvimento gramatical da língua de sinais.

No Brasil, os estudos linguísticos de línguas sinalizadas com pesquisas se desenvolvem nos anos 1990, inaugurados pelos estudos de Ferreira-Brito (1984, 1995), linguista pioneira no estudo da Libras no Brasil; depois outros autores como Felipe (1989) e outras mais recentemente Quadros (2003) e Quadros e Karnopp (2004). Publicaram, dentre outros, dissertações, teses e livros sobre a língua dos Surdos brasileiros.

De acordo com Quadros (2014, p.21), na década de 90, até mesmo as pessoas surdas que já defendiam a importância da língua de sinais não contestavam afirmações tais como a de que os Surdos utilizavam “mímica” ou “gestos”, ou “a linguagem das mãos” que serviu de título para a importante obra de Oates. Brito adotou já na década de 80 a nomenclatura “Língua de Sinais dos Centros Urbanos (LSCB)”, pois parecia mais relacionado com o estatuto linguístico das línguas de sinais. Interessante destacar que, no prefácio de seu livro clássico, “Por uma gramática de língua de sinais”, de 1995, ela utilizou o termo “Língua Brasileira de Sinais”, ou Libras, no lugar de LSCB, em respeito as primeiras pessoas surdas do Brasil a se mobilizar politicamente na defesa de seus direitos linguísticos e sociais, após uma votação realizada numa reunião da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), em 1993, que definiu o nome que seria dado a língua de sinais praticada no Brasil.

Como avanços do Decreto nº 5.626/2005, o curso de Licenciatura em Letras-Libras, na modalidade a distância, desenvolvido e ofertado pela

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), iniciou-se em 2006, com a criação de 15 polos no Brasil. Pontua-se que este curso teve grande influência no processo de formação de professores sinalizantes, especialmente de Surdos.

Línguas de Sinais e variação linguística em Libras

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua que tem as mesmas características gramaticais, a mesma estrutura gramatical das outras línguas faladas, mas com modalidade diferente, a modalidade gesto-visual. Na Libras, existe variação e mudança linguística, em função do contato com outras línguas de sinais ou orais. As comunidades surdas ou pessoas surdas sinalizantes de libras entram em contato com variantes da Libras. Há poucos estudos e pesquisas sobre variação e mudança linguística de Libras, por isso é tão importante pesquisas desenvolvidas para o registro a respeito da variação e mudança da Libras.

Xavier (2010) estudou e desenvolveu pesquisa sobre variação fonológica com foco na produção de sinalizar, com destaque para o número de articuladores manuais. Xavier (2010, p. 127) observou que a expressividade dos processos lexicais e da gramática pode ser notada na variação da pronúncia dos sinais. Para ele

Esta variação pode decorrer das diferentes manifestações que a configuração de mão e/ou a localização e/ou o movimento e/ou a orientação e/ou o número de mãos e/ou as marcações não-manuais de um dado sinal pode(m) apresentar, sem que isso altere o seu significado.

Silva (2021, p. 106) pesquisou dados com o objetivo de quantificar as línguas de sinais relativas aos diferentes povos Surdos do Brasil. Silva relacionou/ registrou vinte e uma (21) línguas de sinais utilizadas por comunidades surdas no Brasil, conforme segue quadro:

Importante destacar o registro destas línguas, uma vez que mostra a diversidade de língua de sinais presentes em nosso país e refletir os dados desta tabela leva a importância de se fazer o registro futuro para evitar o risco de

desaparecimento destas línguas. Registra-se a importância também da pesquisa para mostrar a influência que as línguas podem provocar uma nas outras, a partir do contato dos sinalizantes destas diferentes línguas.

Em estudo de Quadros e Leite (2013. p17), as autoras apontam que

No que se refere às línguas de sinais nativas e originais, o fato de estarem associadas a pequenas comunidades que vivem e sobrevivem sob o jugo de grandes estados-nações as coloca claramente numa situação de “risco”, bastante similar à de línguas orais faladas por outros grupos sociais minoritários (e.g. imigrantes e indígenas). Mas o que dizer sobre as línguas de sinais nacionais? Tendo sido “reconhecidas” legalmente, teriam elas superado o estatuto “de risco”?

Nonaka (2010) alerta para o risco de desaparecimento de línguas de sinais utilizadas por comunidades surdas isoladas. Como geralmente há pouco ou nenhum registro destas línguas, é urgente que seja realizada gravação de vídeo e fotos.

Interessante refletir com Vilhalva (2009, p.21) quando esta pesquisadora aponta sobre “línguas de sinais familiares” (cf. termo utilizado). Inicialmente, foi ainda mais acentuada no contexto escolar e no registro de tais línguas, uma vez percebido o complexo processo de eleição da língua de sinais caseira a ser privilegiada na comunicação entre a autora e os Surdos de diversas comunidades indígenas (VILHALVA, 2009, p. 37).

Estudos de Vilhalva (2009, p.37) e de Silva (2021) ilustram de forma interessante a pluralidade das línguas de sinais que o Brasil apresenta. E cada língua encontrada apresenta uma diversidade de sinais e que não podem ser classificadas como se todas fossem uma única língua de sinais do Brasil.

De acordo Silva e Rodrigues (2017, p.687) no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem de libras por Surdos e ouvintes, é possível encontrar referências às noções de “erro” e aos conceitos de “certo” e “errado”. Estas noções – certo e errado – refletem uma relação de um grupo de falantes/sinalizantes em relação a outro grupo, e em relação a sua própria língua, tanto por questões de política de línguas, de colonização, de práticas pedagógicas que elegem um padrão de língua a ser seguido por todos os membros da comunidade de fala e discriminam outras variantes.

Esta concepção de certo e errado, quando se estende para os sinalizantes de língua caseiras, acabam por desencadear um preconceito linguístico, tanto em relação às línguas quanto para os Surdos que sinalizam estas línguas. E aos poucos, estas variantes das línguas caseiras podem desaparecer, em função do preconceito e da falta de prestígio que as línguas e sujeitos sofrem.

Neste estudo, objetivo coletar todos os sinais do termo mãe como forma de mostrar que não há certo e errado. O interessante é destacar a riqueza e variedade das línguas de sinais, os diferentes sinais para um mesmo referente, e não classificá-los como mímicas ou gestos.

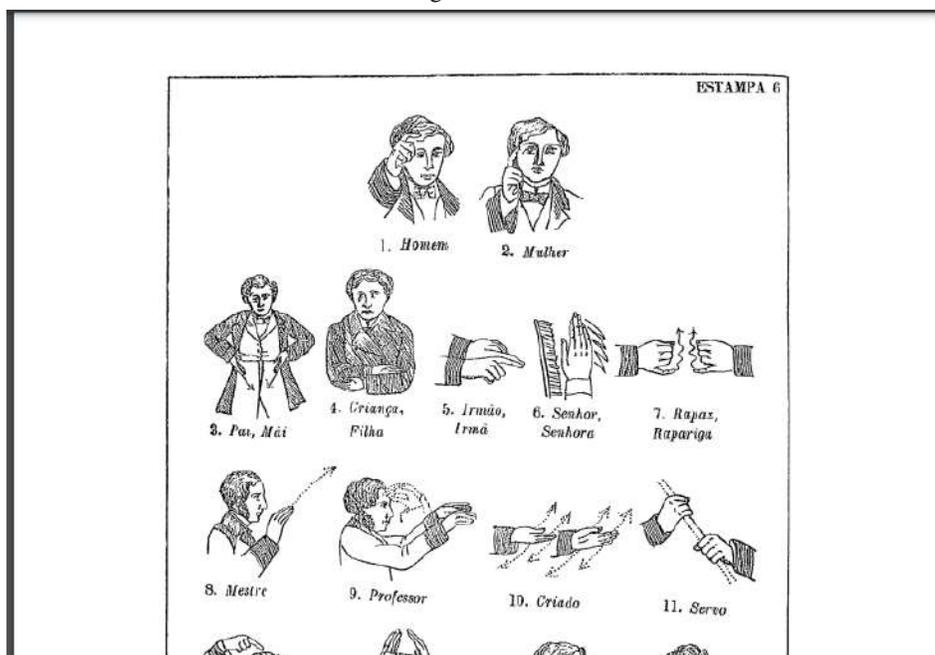
Variação do termo mãe no Brasil

No Brasil, após a década de 90, vários estudos sobre a gramática, variação de Libras e outros tantos aspectos linguísticos vem sendo desenvolvidos. Alguns estudos procuraram registrar sinais do termo de mãe, presentes em diferentes regiões do Brasil. Neste estudo, procuro catalogar este registro, fazendo uma coleta dos sinais já existentes em artigos, dicionário de libras, livros, dissertação e teses. Procuo também ampliar o registro de sinal para o termo mãe, a partir de coleta de dados em encontros com outros Surdos, que usam ou conhecem outros sinais para mãe.

Silva (2015) pesquisou o modo de realização do sinal mãe no primeiro dicionário de língua de sinais publicado no Brasil, Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos, de Flausino da Gama. Verificou-se a mudança linguística para os sinais PAI e MÃE. O sinal PAI é sinalizado pelos sinais HOMEM + NASCER e o sinal MÃE com os sinais MULHER + NASCER. Para Silva (2015) os sinais HOMEM e MULHER transformaram-se totalmente, e que a mudança ocorrida pode estar relacionada às transformações culturais e à vida em sociedade.

A primeira figura apresenta o sinal mãe da obra Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos:

Figura: Mãe



Fonte: Gama (1875, p.17)

Os alunos do INES estudavam a língua de sinais ensinada no Instituto e quando terminavam o período de estudar voltavam para as suas cidades. Acredita-se que neste movimento de ir e vir, houve muita influência entre a língua aprendida e a língua já sinalizada pelos Surdos do Brasil. Neste diálogo entre os diferentes sujeitos de diferentes lugares e no decorrer dos anos, uma nova língua de sinais foi sendo construída no Brasil e novos sinais foram sendo sinalizados e outros sinais foram sofrendo modificações.

Como os Surdos encontravam-se no INES, pode ter ocorrido mudança linguística do termo mãe, sinais diferentes de uma região que não tinha sinal de mãe. E os sinais foram sendo trocados, levados de um lugar para outro. Outra hipótese é que muitos Surdos não iam para o INES e eles mantiveram os sinais sem influência de outros Surdos e de outros sinais. Mas para isto, é preciso estudo para confirmar. Então, somente como hipótese para a ocorrência de muitas variações de sinais para o termo mãe.

Uma hipótese para a mudança de sinal de mãe seria por convencimento

da comunidade surda ao tentar influenciar outros Surdos na formulação de sinal. Esta influência pode ter se espalhado e talvez ter feito mudança de realização do sinal mãe de outras línguas de sinais. Nas diferentes regiões, rural e urbana, existe variação linguística do sinal de termo mãe. Talvez pode ser família ouvinte em comunicação com filho Surdo e também Surdos que usam sinais caseiros, especialmente nas cidades pequenas em que o contato com Surdos é pouco e com uma minoria de Surdos que usam sinais caseiros para o termo mãe.

Felipe (2001) nos ensina que

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta as mudanças culturais e tecnológicas. Assim a cada necessidade surge um novo sinal e, desde que se torne aceito, será utilizado pela comunidade. (FELIPE, 2001, p. 19)

Como todas as línguas oralizadas, as línguas de sinais também sofrem mudanças, ou com acréscimos de novos sinais, ou com o desuso. As comunidades surdas criam novos sinais a partir de novas realidades, de novas mudanças na sociedade.

Outras vezes, a comunidade surda troca de sinal, aprende um sinal de uma outra comunidade e passa a ignorar o que usava antes, para de usar os sinais antigos.

Schmitt (2013) explicou que encontrou ocorrência de variação e mudança linguística por faixa etária em grupo dos indivíduos jovens e grupo velhos Surdos geração e as diferenças são marcadas na Libras. O grupo de Surdos mais velhos costumam usar primeiro os sinais antigos para depois fazer uma comparação da língua de sinais e a atuação para a mudança linguística.

Aspectos Metodológicos

A metodologia de pesquisa foi organizada através de coleta de registros do termo mãe já pontuado em estudos sobre este termo e de acréscimo de outros sinais, a partir de coleta com outros Surdos de diferentes regiões do país. A análise tem como objetivo discutir e apontar as variações de uso deste termo usado por

diferentes Surdos em diferentes regiões. Para registrar a variação deste sinal termo, nossa pesquisa constituiu um corpus, oriundo de diferentes sinalizadores da comunidade surda, que é por onde circulam a grande variação linguística de sinal de termo mãe.

A primeira coleta de dados foi realizada buscando os sinais do termo Mãe já registrados no Brasil pelo uso das variáveis dos sinais em livros de dicionários, Corpus de libras na ufsc³, acesso site INES⁴, Libras signbank⁵, dissertações, teses e artigos.

Na investigação pelo link de signbank, verificamos uma quantidade de variável de 6 (seis) termos de mãe e no link do site do INES encontramos 2 (dois) termos de mãe.

Neste estudo, contamos com 10 participantes Surdos e uma ouvinte, com idades variáveis entre 20 a 40 anos, sendo 5 do Nordeste, 2 do Sudeste, 2 do Sul e 1 da região centro-oeste. Realizamos encontros por meio do aplicativo WhatsApp para coletar o termo “mãe”, por meio de narrativa dos 10 participantes, das experiências, dos contatos que os Surdos têm em cada região, pela convivência com a comunidade surda, contato com Surdos idosos e com Surdos das comunidades rurais. Por meio da tecnologia do whatsapp, como estratégia, recebemos vários vídeos com registros de sinal de mãe. No entanto, para esta pesquisa, refiz os sinais e eles encontram-se relacionados nos sinais 18 a 29.

Os dados, a seguir, contam com 29 sinais do termo “mãe” coletados.

Dados coletados de obras lexicográficas

Figura 01-Sinal de Mãe



Fonte: Libras signbank

Referência: <https://signbank.libras.ufsc.br/>

3 Site link <https://corpuslibras.ufsc.br/>

4 Site link http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

5 Site link <https://signbank.libras.ufsc.br/>

Figura 02- Sinal de Mãe



Fonte: Libras signbank

Referência: <https://signbank.libras.ufsc.br/>

Figura 03- Sinal de Mãe



Fonte: Libras signbank

Referência: <https://signbank.libras.ufsc.br/>

Figura 04- Sinal de Mãe



Fonte: Libras signbank

Referência: <https://signbank.libras.ufsc.br/>

Figura 05- Sinal de Mãe



Fonte: Libras signbank

Referência: <https://signbank.libras.ufsc.br/>

Figura 06- Sinal de Mãe



Fonte: Libras signbank

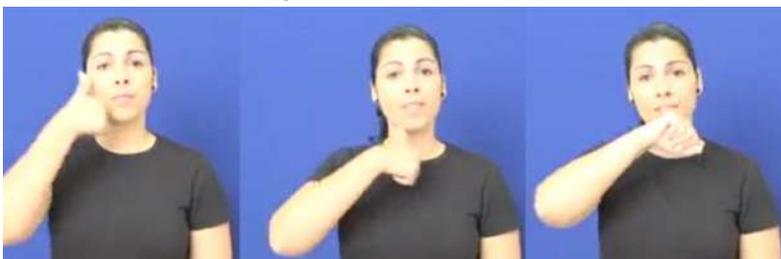
Referência: <https://signbank.libras.ufsc.br/>

Figura 07- Sinal de Mãe



Fonte: Silva, 2015

Figura 08- Sinal de Mãe



Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Referência: Rio de Janeiro

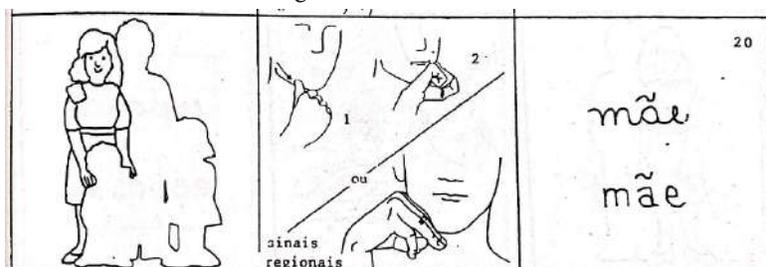
Figura 09- Sinal de Mãe



Fonte: Schimtt, (2013, p.35),

Referência: Santa Catarina

Figura 10- Sinal de Mãe



Fonte: Ensminger, (1987, p.11)

Referência: Comunicando com as mãos.

Figura 11- Sinal de Mãe



Fonte: Giroleti, (2008, p94), o sinal dando como referência os cabelos – pelos ombros na mulher.

Referência: Língua de Sinais Kaingang- (Xanxerê-Santa Catarina)

Figura 12 - Sinal de Mãe



Fonte: Soares, (2018 p.111). Sinal terena é composta por todos os dedos estendidos, levemente curvados e separados. É a região dos seios e de encostar. A mão encosta primeiramente no seio esquerdo e posteriormente no direito

Referência: Língua de Sinais Terena- Miranda-MS

Figura 13 - Sinal de Mãe



Fonte: Vilhalva, (2009, p.99). Sinal Mãe ou mulher

Referência: Surdo Guarani-Kaiow

Figura 14 - Sinal de Mãe



Fonte: Azevedo, (2015, p.69). Mão direita aberta no rosto fazendo movimento nos dedos com Expressão chamativa

Referência: Língua de Sinais Sateré-Mawé (Parentes-Amazona)

Figura 15 – Sinal de Mãe



Fonte: Costa (2017, p.116). Sinal “mãe”, Mairarê usa as duas mãos fazendo movimentos que ressaltam a forma dos seios.

Referência: Surdos Paiter Suruí, Rondônia

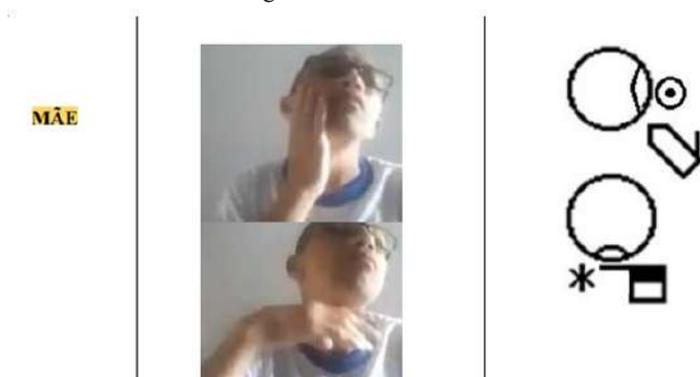
Figura 16 - Sinal de Mãe



Fonte: Pereira, 2017 (p.263). Mãe: dedo indicador das mãos direita e esquerda apontados para fora, posicionados em frente ao peito.

Referência: Cena – Várzea Queimada (Jaicós-Piauí)

Figura 17 – Sinal de Mãe



Fonte: Silva, 2021 (p. 266)

Referência: Língua de Sinais Caiçara (Várzea Alegre – CE)

Dados coletados de participantes Surdos - Entrevista com Surdos sinais narrativas
exicais de termo de mãe de regiões de nordeste, sudeste e sul

Figura 18 - Sinal de Mãe



Figura 19 – Sinal de Mãe



Figura 20 – Sinal de Mãe



Figura 21- Sinal de Mãe



Figura 22 – Sinal de Mãe



Figura 23 – Sinal de Mãe



Figura 24 – Sinal de Mãe



Figura 25- Sinal de Mãe



Figura 26 – Sinal de Mãe



Figura 27 – Sinal de Mãe



Figura 28- Sinal de Mãe



Figura 29 – Sinal de Mãe



Fonte: figuras 18 a 29 - Elaboração própria (2021)

Referência: Estes sinais foram coletados de entrevista com Surdos das regiões nordeste, sudeste e sul.

Discussão

As figuras 1, 7, 8, 10.1 e 28 mostram pouca variação na execução do sinal e, portanto, pouca variação fonológica na formulação do sinal mãe. Ao formular o sinal, há uma memória que lembra (discursividade) a religião pelo fato de pedir a benção e levar a mão à boca para a pessoa ser abençoada.

Ao atentar para as figuras, observa-se que há uma mudança na orientação de mão para as figuras 08 e 28, pois agora a mão está no queixo e não mais na boca. Uma hipótese para esta mudança de direção ou orientação da mão seria para evitar o contato tocar com os lábios em uma mão suja. Então, para ficar mais confortável, o movimento na orientação de mão mudou o ponto de articulação: da boca passou para o queixo.

Dentre todos os sinais coletados, o único sinal soletrado é o da Figura 6 e muito usado pela comunidade surda do Rio de Janeiro. Há outras variantes para o sinal mãe usado no Rio, também. A soletração ainda é uma marca da presença da língua oral na comunidade surda, mesmo levando-se em conta que na soletração segue também uma organização e um movimento para executar o sinal. Os sinais

das figuras 02, 19, 25 e 26 relembram a CM “m”, que é a inicial para se escrever mãe, em língua portuguesa. Cada um dos sinais destas figuras (02, 19, 25 e 26) tem outros elementos que os diferenciam, como Ponto de articulação, movimento e orientação da mão.

A figura 3 refere-se a um sinal que somente é realizado no Sul e pode ser acontece buscar sinal de mãe do Sul por causa confortável criança surda e filho de Surdo.

As Amostras das figuras 11 a 15 apresentam variantes regionais indígenas que específica a variante lexical de termo mãe na língua de sinais indígenas. Nas figuras de 16-17, o sinal de termo mãe foi coletado de uma zona rural. Das figuras 11 a 17, os sinais são criados e formulados por muitos Surdos que moram ou em aldeias (11 a 15) ou em zona rural (16-17) e com pouca relação e comunicação com os Surdos da cidade. Portanto, com pouca ou quase nenhuma relação com Surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais. Observa-se que quase todos os sinais apresentam uma formulação de algum parâmetro, como o ponto de articulação, no corpo, mais próximo ao peito ou no peito mesmo.

Nas pesquisas e entrevista com os Surdos, conforme dados das figuras (18 a 29), observa-se variação regional de sinais e o registro das variantes lexicais de termo mãe que os dez sinalizantes falaram/sinalizaram. A maioria usa o sinal das figuras (1, 7, 8 e 28) e alguns Surdos idosos antigos usam sinal da figura 19. Alguns de cidade e da zona rural usam sinais caseiros, ou seja, os sinais que marcam a variação da língua de sinais do Brasil.

Ainda é muito difícil mostrar a riqueza da variação lexical para o termo mãe entre os Surdos do Brasil. O objetivo deste estudo é registrar o termo mãe – sinal linguístico – e comparando com outras regiões para mostrar a valorização do registro da língua de sinais, para os Surdos e que não sofreram ainda a influência da colonização, da língua de outro país ou da própria Libras. O sinal precisa ser sinalizado e registrado para não ter o perigo de perder, desaparecer o sinal.

Muitos Surdos utilizam e expressam a sua língua com uso de diferentes sinais, alguns mais antigos e que parecem estranhos e que podem ser considerados como “gestos”. Em muitas comunidades surdas, o uso de sinais antigos ou pouco usados, em encontros da sociedade surda, podem ser tomados como sinais errados, e que o sinalizante sinalizou errado. Há, também, na língua de sinais

preconceito no uso da língua de sinais que Surdo faz, e por isso, fica com trauma e, em seguida, precisa procurar outro sinal padrão melhor. Infelizmente, a língua de sinais corre risco de perder vários sinais, de ser prejudicada e não ter e nem encontrar registro de uso de sinais que a minoria de Surdos faz e no futuro pode se perder. Esta questão pode acontecer em função da colonização ou influência da obrigatoriedade de trocar de sinais, por procurar a língua de sinais padrão de algum lugar ou região do Brasil.

Muitos grupos de jovens Surdos não aceitam sinal antigo e querem outro novo sinal diferente, pois acham sinal estranho e não gostam, pois parece sinal simples, vindos de classe social mais desvalorizada economicamente (pobreza). Procura outro sinal diferente na região e ignoram sinal antigo e caseiro. Grupo de Surdos idosos costumam usar sinais antigos, com gramática simples. Os jovens buscam mais informação, buscam contato para adquirir novo sinal, mais vocabulário de sinais. Também pode acontecer pelas tecnologias, rede social, internet, conversa e bate-papo, pela webcam e outros meios para contactar e fazer amigos Surdos. Surdos falam: “nossa! estranho sinal, nunca vi sinal assim”. Aí perguntam: Onde você mora? Eles próprios sinalizam na cidade, sofrem influência de outros Surdos e aceitam copiar sinal. Existe influência que a colonização determina, de rede social que provoca mudança linguística.

Nas comunidades surdas e nas Associações de Surdos, sempre tem Surdos que viajam para outra cidade, para capitais, outras regiões, encontros, eventos, cursos de instrutores de Libras, atividades esportivas e que também encontram sinais e sentem estranhamento com sinais diferentes. Surdos viajam para várias cidades, como vendedores de chaves, de alfabeto manual e que também influenciam outros Surdos. E nestes encontros, os Surdos trocam conhecimentos, trocam sinais, aprendem, ensinam e observam a variação presente na língua.

Surdos acadêmicos dos cursos de Letras-Libras, no processo de formação e em encontros, eventos e congressos, perceberam que é mais importante o registro da variação linguística, especialmente, de sinais antigos. Registrar os idosos Surdos, como eles aprenderam os sinais, porque na época não tinha informação e os idosos pensam que não importa, que não tem valor os sinais antigos e, inclusive, alguns já esqueceram sinais antigos. O Brasil, por não ter uma forte educação, por não ter faculdades para Surdos e por um grande período de

negação da Libras, por isso também, são raríssimos registros de sinais antigos; são muito poucos.

Observa-se pelos dados a rica valorização, quantidade de variação linguística do termo de mãe em Libras. É importante refletir sobre o ponto de vista de Quadros e Leite (2013, p.25), quando elas dizem que “É a documentação que permitirá não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas”. Autoras argumentam que é muito importante o registro das línguas de sinais, pois mostram a valorização, a diversidade cultural surda e a variação linguística no Brasil.

O Corpus de Libras na ufsc é importante, mas ainda assim, é possível encontrar outros que servem para formar a variação da Libras no Brasil. Muitos Surdos, ao serem entrevistados, apontam somente o sinal considerado padrão e não sinalizam e nem registram os sinais próprios da variação linguística de termo mãe porque Surdos pensam foco no padrão sinal de mãe. Poderíamos ter mais variação de sinais e os devidos registros.

Concluimos que nesta investigação, nesta coleta de dados, as comunidades surdas apresentam grande variação lexical de termo mãe. No entanto, é preciso uma pesquisa com mais profundidade para sabermos ou conhecermos mais detalhes do sinal, com perguntas como: qual o motivo do sinal, por que? De onde vem? Variação linguística? Exigente padrão? Todos os sinais das línguas de sinais dos Surdos, como minoria, precisam ser registrados para mostrar a cultura e a variação da libras. O alerta também mais importante é dar continuidade da pesquisa, com estudo do termo de sinais de família e vocabulário relacionados, como forma de valorização da Libras. Outro ponto a se estudar é o registro das línguas indígenas, pois apenas minoria línguas de sinais indígenas e rurais tem algum estudo e com pouco registro da sua variação linguística. A grande maioria dos estudos concentra-se na língua de sinais sinalizada por Surdos das cidades.

Por fim, há ainda um enorme campo de estudo para saber mais sobre a variação dos sinais da libras e para registrar uma língua que ainda tem a característica de ser muito mais falada/sinalizada que escrita e, principalmente, para não perder a riqueza das unidades lexicais da libras em uso pelos diferentes Surdos do país.

Referência

AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei 10.436/2002. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. 2002.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: século XVIII a XXI**. Revista Mundo & Letras, José Bonifácio/SP, v. 2, Julho/2011.

COSTA, Miriã Gil de Lima. **Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Païter Suruí no contexto familiar**. 2017. 190f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

FELIPE, Tanya Amaral. **LIBRAS em contexto: Curso básico, livro do estudante cursista**. Programa Nacional de Apoio a Educação dos Surdos, Brasília: MEC; SEESP, 2001.

FELIPE, T. A estrutura frasal na LSCB. In: **Anais do IV Encontro Nacional da NPOLL**. Recife, 1989. p. 663-672.

FERREIRA-BRITO, L. 1984. Similarities and differences in two Brazilian Sign Languages. **Sign Language Studies**, Spring, v. 42, p. 45-56, 1984.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875

GIROLETTI, M. F. P. **Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>

MORELLO, R. **A Língua Portuguesa pelo Brasil: diferença e autoria**. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas
– Unicamp, Campinas, 2001.

NONAKA, A.M. Interrogatives in Ban Khor Sign Language: a preliminary description. In: MATHUR, G., Napoli, D.J. (Orgs.). **Deaf Around the World: The Impact of Language**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2010. p. 194–219.

PEREIRA, E. L. **Fazendo cena na cidade dos mudos: Surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no Sertão do Piauí**. 2013. 416f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, UFSC.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. Phrase Structure of Brazilian Sign Language. In: **Crosslinguistic perspectives in sign language research**. Selected papers from TISLR 2000. Signum Press: Hamburg, 2003. p. 141-162.

QUADROS, Ronice Muller de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne; LEITE, Tarcísio de Arantes. (Org.). **Estudos da língua brasileira de sinais I**. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2013. p. 15-36.

QUADROS, Ronice Muller de. Documentação da Libras. In: **Seminário Ibero-Americano de Diversidade Linguística, 2014, Foz do Iguaçu**. Brasília: IPHAN - Ministério da Cultura. v. 1. p. 157-174. 2016.

QUADROS, Ronice Müller de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. **Revista Leitura**. V. 58. Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Maceió. 2017. (no prelo)

QUADROS, Ronice Muller de; Neves, Bruna Crescêncio; Schmitt, Deonísio; Lohn, Juliana Tasca & Luchi, Marcos. **Língua Brasileira de Sinais**. Patrimônio Linguístico Brasileiro. Editora Garapuvu. Florianópolis. 2018

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurológicas. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 26, n. 91, p. 565-582, maio/ago., 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 17 ago. 2017.

Silva, Diná Souza da. **Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil**: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE). (Tese) doutorado -Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

SOARES, Priscilla Alyne Sumaio. **Língua Terena de Sinais**: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da Terra Indígena Cachoeirinha. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

SCHMITT, D. (2013). **A História da Língua de sinais em Santa Catarina**: Contextos sócio históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC

VILHALVA, S. **Mapeamento das Línguas de Sinais Emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009

VILHALVA, S. **Índios surdos**: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012

XAVIER, André Nogueira. **Variação fonológica na libras**: um estudo-piloto da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. In: Seminário de Teses em Andamento, 16, 2010, Campinas. **Caderno de resumos**. Campinas: Unicamp, 2010. p. 66-67.

XAVIER, André Nogueira. **Panorama da variação sociolinguística nas línguas sinalizadas**. Claraboia, v. 12, jul.-dez. 2019. Disponibilidade em: <http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1538>>. Acesso em: 09/11/2020